

CEDI

## Povos Indígenas no Brasil

Fonte: *formal de Itá Catarina*

Class.: 1023

Data: 10.02.81

Pg.: \_\_\_\_\_

# Sonda de petróleo, uma nova ameaça aos Kaigang de Nonoai



Lavoura plantada a mão pelos índios (soja, feijão e trigo). No fundo a vila, notando-se pouco mata na reserva.

**NONOAI** - (Sucursal de Chapecó)

Os índios Kaigang da reserva indígena de Nonoai estão enfrentando sérios problemas de alguns anos para cá, com explorações de suas terras, a derrubada de suas matas, a invasão de brancos e, mais recentemente, surgiu uma nova ameaça: a perfuração do solo em busca de petróleo através da Paulipetro, que apesar das perfurações frustradas em outras regiões ainda assim acredita que exista petróleo na área indígena. Se isto for realmente comprovado, os índios terão que mudar de seu habitat natural.

**COMO VIVEM OS KAIGANG**

As terras dos indígenas estão ficando cada vez mais escassas, desmatadas, ocasionando também a escassez de madeira, caça e pesca, obrigando os índios a trabalhar na lavoura, em trabalhos artesanais ou até mesmo fora da reserva, para poder ganhar o sustento da família. Atualmente, na reserva de Nonoai, os índios não se encontram em boa situação, porque sua vida está limitada apenas à venda de madeira em forma de lenha ou palanque, já que a comercialização do pinho é proibida, existindo uma pena para o infrator. Tanto é que o cacique anterior, Mário de Paula, foi substituído por José Lopes (que continua atuando), por ter derrubado 50 toras de pinhos para vender, alegando ter ordem da Funai de Porto Alegre.

A lavoura dá para o sustento, mas só em época de colheita. Quando a situação fica ruim e os índios não conseguem dinheiro suficiente para o rancho mensal, são obrigados a trabalhar fora da reserva, índio para o Município de Nonoai. Na reserva existe uma cooperativa de alimentos, abastecida por um comerciante que dá um prazo de 30 dias para o pagamento, caso contrário não fornece os mantimentos necessários.

O índio Antônio Rodrigues afirma que a venda do palanque de "Coqueirão" não está muito boa; o que está rendendo dinheiro é a venda de lenha picada, mas tudo controlado pela Funai, que não permite que nada saia sem licença de dentro da reserva. Quando não conseguem vender, como nas épocas de chuva, ocasião em que os caminhões não entram, eles têm que trabalhar na cidade, capinando terrenos baldios ou exercendo outras atividades.

O mesmo índio denunciou sérios problemas que vêm ocorrendo dentro da reserva, afora a questão de trabalho, como é o caso da falta de água. Existe apenas um "olho d'água", um manancial em meio à mata, onde todos se servem através de baldes e galões. Há alguns anos houve promessa de se encanar a água para as casas dos índios, mas até hoje não foi cumprida. A promessa foi feita pela Funai, que afirmava ter um plano faraônico para proteger os índios, onde se destacava um poço artesiano para casa duas residências

açude de peixes para cada cinco famílias, além de uma vaca leiteira, três porcos e várias galinhas para cada família. Mas segundo Antônio Rodrigues, nem a água, que é o principal, não deram jeito".

Outro ponto destacado pelos índios é que as sementes enviadas para a reserva estão sendo plantadas sem técnica alguma, como é o caso da erva", que não dá em nada". Após um levantamento concreto sobre a atual situação dos índios, concluiu-se que eles estão sendo esbulhados até mesmo pelos seus ditos "protetores", herdando poucas coisa boa de seus antepassados, mas cultivando os maus hábitos dos homens brancos, que desvirtuam sua cultura e seus meios de vida ao natural, e por fim os transformam em "bóias-frias", criando situações que os obrigam a trabalhar pelo sustento na cidade, para não morrer de fome.

Até o momento não se tem conhecimento a respeito de instalações elétricas e sanitárias, naquela área, que também constavam do projeto não concretizado.

Os indígenas mostram-se indignados quando falam de outra promessa não cumprida pela Funai: quando tratores entraram nas terras dos índios para mecanizar a lavoura de soja, o núcleo se rebelou e sequestrou a área, conseguindo com isso um acordo com o órgão federal para receber 50% da colheita. Mas até agora não receberam na-

da, e isto já ocorreu há dois ou três anos atrás, afirmaram os índios.

### CONDIÇÕES DE VIDA

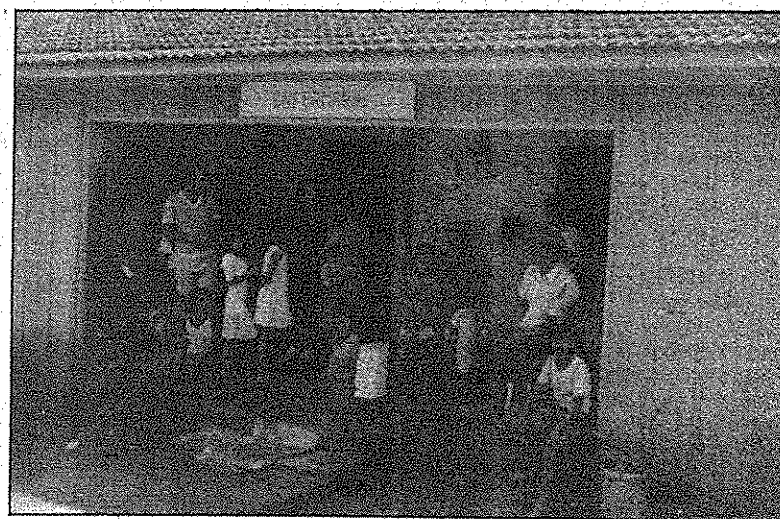
«Nesta semana, a antropóloga da Funai, Paula Heblin, e a socióloga Neiva Costa, que estavam fazendo estudos na reserva, solicitaram a presença do Departamento de Saúde e do Meio-Ambiente, pois acreditavam que estava havendo um surto de diarreia entre os nativos. Nesta comissão, procedente de Porto Alegre e integrada por mais alguns elementos de Palmeiras das Missões, encontrava-se um inspetor de saneamento, um médico-veterinário, um técnico em educação, um biólogo, uma enfermeira e o médico sanitário Jorge Ossalai.

O sanitário garante que estão fazendo o levantamento sobre o possível surto de diarreia, mas até o momento não havia sido constatado, qualquer foco da doença. Os exames são sendo completos em todos os aspectos, envolvendo costumes e outros fatores sociais e culturais dos índios, bem como o próprio ambiente físico, que pode ser o principal agente causador da diarreia caso a mesma seja comprovada, mas a verdade é que das 50 pessoas examinadas até agora, apenas uma criança demonstrou sintomas de diarreia, com evacuação descontrolada.

Na reserva indígena existem



Neste barraco ficam presos os índios desordeiros e também os que vendem pinheiros e palanques sem ordem da Funai.



Nesta enfermaria são atendidos os índios doentes.

mais de mil índios, e o médico Jorge Ossalai acredita que possa ser comprovado o surto até o final de seu trabalho, caso contrário a antropóloga não teria acionado o departamento. Estão sendo colhidos os materiais necessários para os exames, tanto nos casos agudos de diarreia, para verificação do agente biológico, como também sorológico, para detectar, nos adultos, doenças venéreas e febre tifóide. Caso o exame sorológico for positivo para a tifóide, indicará que existe uma contaminação fecal importante".

Jorge Ossalai adiantou que estão levando água para ser examinada, porque os índios acreditam que sejam os defensivos agrícolas e os pesticidas usados na lavoura que se misturam à água, contaminando-a e causando a diarreia. Ossalai, no entanto, pensa diferente, e atribui a doença às condições básicas de saneamento, que são péssimas, pois ainda predomina o hábito de defecar no campo, o que pode ser o principal causador da moléstia. Foi constatado que em toda a reserva indígena existe apenas uma privada.

A partir daí, será feito um relatório para o Departamento de Saúde e Meio-Ambiente, e também para a Regional de Palmeiras das Missões, para que se possa iniciar um programa de saneamento básico, naturalmente com a ajuda da Prefeitura de Nonoai, porque somente o Departamento de Saúde não tem condi-

ções de levantar a situação. O atendimento básico está sendo feito pelo Departamento de Saúde da reserva, para atender as necessidades urgentes dos índios, mas com recursos reduzidos. Este é outro caso que deveria passar para a supervisão da Secretaria de Saúde e do Meio-Ambiente, para que as condições de atendimento sejam facilitadas, principalmente nos casos de emergência.

Os trabalhos da equipe deverão se estender até o final da semana, quando se poderá determinar a presença do surto ou não.

**PAULIPETRO DIZ QUE HÁ PETRÓLEO**

Em março de 80, Paulipetro afirmava que existia petróleo em Xanxerê e, por coincidência ou não, também nas reservas indígenas. A notícia despertou grande interesse no povo xanxereense, que aguardava uma mudança radical nos planos de desenvolvimento daquela cidade.

Segundo técnicos do Projeto Radam, as perspectivas eram bastante favoráveis à existência do ouro negro, mas logo após o início das perfurações tudo foi se acalmando, chegando ao ponto de ninguém mais falar em petróleo. Entretanto, as várias perfurações realizadas em regiões de iguais características, desde São Paulo, Paraná, Rio Grande do Sul e mesmo Santa Catarina, têm resultado infrutíferas.